

INTRODUÇÃO

Muitos pesquisadores consideram que a capacidade de tratar do ontem e do amanhã, ultrapassando “o aqui e o agora”, é responsável, em conjunto com outras capacidades, pela distinção entre humanos e não-humanos. Mesmo eximindo-nos aqui da discussão sobre a existência ou não de linguagem animal, parece-nos claro que muitas espécies animais possuem sistemas de comunicação. A possibilidade de comunicar aos seus semelhantes mensagens referentes ao passado e ao futuro, entretanto, não parece ser comum às espécies não-humanas. Por outro lado, a expressão de tempo é um dos domínios conceptuais centrais da linguagem humana, na medida em que nos referimos às situações como tendo ocorrido no passado, no presente ou no futuro; e aos eventos como em andamento ou completos. Deixando as espécies não-humanas de lado, é possível assumir que as línguas diferem quanto às formas que nos oferecem para manifestarmos significados temporais, embora todas elas possam de um modo ou de outro expressar esses conceitos básicos¹.

A referência ao tempo nas línguas conta com duas categorias lingüísticas para sua expressão: o Tempo² e o Aspecto³. O Tempo é uma categoria que define, basicamente, a posição que os fatos referidos ocupam no tempo, considerando como referencial, usualmente, o momento da enunciação, na perspectiva do falante. Segundo Comrie (1976), aspectos são diferentes modos de observar a constituição temporal interna de uma situação. O emprego do termo no plural aponta para uma distinção que precisa ser feita. Um dos “aspectos”

¹ Gostaríamos de destacar a existência de línguas que não distinguem esses três tempos verbais, a saber, passado, presente e futuro, ou que não distinguem tempo algum por meio da morfologia verbal. Nesses casos, a língua se vale de outras formas – como os advérbios, por exemplo – ou de informação contextual para se referir a acontecimentos passados, presentes ou futuros.

² Utilizaremos “tempo” para fazer referência à idéia geral e abstrata de tempo e “Tempo” para referir a categoria lingüística, ou seja, à codificação da referida idéia geral e abstrata nas línguas.

³ De maneira semelhante, utilizaremos “Aspecto” para referir à codificação nas línguas da idéia geral e abstrata de aspecto, assim como fizemos com “Tempo”. As subdivisões dessa categoria (“aspecto gramatical” e “aspecto lexical”), contudo, serão grafadas em minúsculas.

referidos – o aspecto gramatical – pode ser considerado uma categoria gramatical que codifica o que uma dada língua toma como traços gramaticalmente relevantes, no que diz respeito ao modo como um evento transcorre no tempo. No português, são codificadas gramaticalmente distinções aspectuais pertinentes a *perfectividade* – exclusivamente no tempo passado –, e *progressividade* – tanto no presente quanto no passado. A noção de aspecto não se restringe, contudo, a aspecto gramatical. Traços semânticos de categorias lexicais (tais como verbos e advérbios, por exemplo) podem expressar informação concernente ao modo como um evento transcorre no tempo. Os traços semânticos de *estatividade*, *pontualidade* e *telicidade* – presentes nos verbos e/ou nos verbos e seus argumentos – expressam, em português e em muitas outras línguas, informação relativa ao modo como um evento transcorre no tempo. Esses traços semânticos podem se combinar com o que a língua toma como *traço formal* relativo a Aspecto, ou seja, com as distinções aspectuais tomadas como gramaticalmente relevantes. Em outras línguas, traços que para nós são tomados como puramente semânticos assumem relevância gramatical⁴, como parece ser o caso de *telicidade* em algumas línguas eslavas, tais como o russo e o polonês⁵.

O presente trabalho dedica-se à aquisição das distinções gramaticais pertinentes a aspecto no português brasileiro (doravante PB), no que se refere à oposição perfectivo/imperfectivo, observada no tempo passado, assim como à aquisição de distinções aspectuais pertinentes à semântica lexical, no que diz respeito a *telicidade*. Tentaremos, ainda, verificar se há, conforme vasta literatura em aquisição de aspecto tem apontado, interação entre a aquisição de *perfectividade* e *telicidade*.

Esta dissertação se inscreve na linha de pesquisa do LAPAL (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem), que propõe uma aproximação entre Teoria Linguística em sua versão minimalista (Chomsky, 1995) e Psicolinguística, com vistas a construir modelos de processamento linguístico e de aquisição da linguagem, tanto normal quanto comprometida.

⁴ Do ponto de vista da semântica lexical, verbos podem ter lexicalizados diferentes traços pertinentes a aspecto. As línguas diferem quanto ao que é lexicalizado e quanto ao que é tomado como gramaticalmente relevante. Há, contudo, uma série de semelhanças a esse respeito entre as línguas. O que há de coincidência entre as línguas, tanto em relação ao que é codificado gramaticalmente quanto em relação ao que é lexicalizado, aponta para distinções cognitivas fundamentais.

⁵ Nessas línguas, há prefixos que codificam, dentre outras noções, telicidade. Já no búlgaro, o prefixo *na-* parece ser uma marca morfológica que codifica exclusivamente telicidade.

No Programa Minimalista (doravante PM) (Chomsky, 1995, 1999), uma língua se constitui de um sistema computacional (doravante SC) – universal – e de um léxico – composto por traços fonológicos, semânticos e formais, com parâmetros fixados no curso da aquisição da mesma. A língua faz interface com sistemas de desempenho, a saber, o sistema Articulatório-Perceptual e o sistema Conceitual-Intencional em dois níveis de representação – Forma Fonética (*Phonetic Form*, PF) e Forma Lógica (*Logical Form*, LF). O *Princípio da Interpretabilidade Plena* (doravante PIP) determina que as informações disponibilizadas nos níveis de interface sejam legíveis para os sistemas Articulatório-Perceptual e Conceitual-Intencional. O SC opera sobre traços formais do léxico e, em função do PIP, traços formais não interpretáveis, que servem à computação lingüística, são eliminados no curso da mesma⁶.

De acordo com o que é proposto no PM, uma criança ao adquirir uma língua teria de adquirir o léxico dessa língua, uma vez que o sistema computacional seria universal. Conforme nos diz Corrêa (2005a), as operações implementadas pelo sistema computacional, comuns às línguas humanas, não são objeto de aprendizagem. Diante disso, tudo o que a criança tem de adquirir está representado no léxico em termos de traços fonológicos, semânticos e formais. Os traços formais definem a gramática da língua e informam ao sistema computacional como elementos do léxico devem ser combinados de forma estruturada. A variação entre as línguas é caracterizada em função de parâmetros universais, cujo valor tem de ser fixado mediante experiência lingüística. O problema da identificação de uma gramática, por parte da criança, ao adquirir uma língua, no contexto do Minimalismo, envolve, assim, a identificação do que se apresenta como traço formal na língua e, particularmente, das propriedades pertinentes a traços formais de elementos de categorias funcionais⁷.

⁶ Traços interpretáveis são, pois, aqueles que podem ser interpretados pelos sistemas mencionados, ao passo que traços não-interpretáveis, não.

⁷ De acordo com a Teoria Lingüística, os elementos do léxico são divididos em duas grandes categorias: as categorias funcionais e as categorias lexicais. Alguns critérios normalmente são levados em conta para decidir se uma categoria é funcional ou lexical. As categorias lexicais seriam aquelas que atribuem papel temático a seus complementos e que, no entender de Chomsky (1995), apresentam conteúdo descritivo. As categorias funcionais, contrariamente, seriam aquelas que não atribuem papel temático e que não apresentam conteúdo descritivo, embora contenham informações sobre propriedades gramaticais. Ao longo do desenvolvimento da teoria lingüística, a definição de quais seriam as categorias funcionais variou significativamente. Chomsky (1995) propõe que fariam parte do grupo das categorias funcionais Complementizador (C) e Tempo (T). Já em *Derivation by Phases* (1999), Chomsky abre a possibilidade de que existam outros elementos que fariam parte desse grupo. Atualmente, há um certo consenso no

Os traços formais podem ter motivação semântica – como gênero, número, tempo, aspecto, etc. – e podem codificar o modo como relações sintáticas são expressas na interface fônica, em termos da ordenação dos constituintes ou da morfologia de caso. Sua relevância para a gramática manifesta-se em termos da sistematicidade com que as distinções neles codificadas se apresentam na língua e pela relativa autonomia que adquirem com relação à sua motivação semântica inicial (gênero, pessoa, etc). Essa relevância deve-se ao papel que categorias funcionais desempenham na construção do esqueleto sintático das sentenças.

As línguas não lexicalizam conceitos em função dos mesmos traços semânticos; não tomam as mesmas propriedades fonéticas como fonológicas; não definem necessariamente as mesmas propriedades como traços formais; e, sobretudo, não levam em conta as mesmas propriedades de traços formais de categorias funcionais (Corrêa, 2005a). Diante desse quadro, caberia à criança, em primeiro lugar, distinguir categorias funcionais de lexicais, identificar o que a língua toma como traços formais (relevantes para o SC) e suas propriedades.

Precisamos, contudo, pensar em como se dá a identificação desses traços formais. Assumimos aqui uma concepção de aquisição de linguagem, segundo a qual o que é tomado na língua como gramaticalmente relevante tem de estar expresso na interface fônica (Corrêa, 2006; 2007). O início do processo de aquisição de uma língua começaria com a identificação, por parte da criança, de padrões recorrentes, aos quais ela tenta atribuir valor gramatical⁸. Uma vez que a criança tenha atribuído valor gramatical aos elementos de classes fechadas⁹ apresentados em posição fixa, o SC entraria em operação (*bootstrapping* do SC a partir de elementos funcionais) (Corrêa, 2001; 2007). Num segundo momento, à

sentido de considerar Complementizador, Tempo, verbo leve (v) e Determinante (D) como categorias funcionais. Apesar disso, muitas outras categorias funcionais têm sido propostas (cf. van Gelderen, 1993). Definir quais são as categorias funcionais de uma língua constitui tarefa de grande importância, na medida em que, de acordo com a Teoria Gerativista, a variação entre as línguas seria uma consequência de traços das categorias funcionais. Para o estudo da aquisição da linguagem, conseqüentemente, faz-se necessário definir quais são as categorias funcionais, já que o processo de aquisição ocorreria por meio da fixação de parâmetros ligados a tais categorias.

⁸ De acordo como a concepção de aquisição de linguagem aqui assumida, o reconhecimento de tais padrões como gramaticalmente relevantes seriam decorrentes de uma faculdade da linguagem.

⁹ Classes fechadas, por oposição a classes abertas, compreendem as formas mais recorrentes nas línguas, tais como artigos, preposições, afixos verbais, os quais podem guiar o processo de aquisição, na medida em que permitem que a criança reconheça padrões que a ajudam a delimitar fronteiras fonológicas e possivelmente sintagmáticas, assim como identificar elementos de classes lexicais, possibilitando o *parsing* ou processamento sintático do enunciado lingüístico percebido (Corrêa, 2007).

criança cabe a tarefa de tentar interpretar semanticamente as distinções estabelecidas por esses elementos de classe fechada, assumindo-se que ela parte do pressuposto de que enunciados lingüísticos se referem a entidades e eventos no mundo. Pode ser que esse processo seja bastante custoso e que a criança demore até conseguir realizá-lo a partir de informação pertinente à interface semântica.

No que diz respeito ao aspecto gramatical no PB, a criança teria de identificar, a partir da interface fônica, a presença de afixos flexionais presos a raízes verbais, atribuir-lhes valor gramatical como elemento funcional, e identificar variações morfofonológicas no âmbito dessa classe, a serem tomadas como distinções morfossintáticas. Essas variações têm de ser semanticamente interpretadas (em função do PIP). A distinção aspectual entre perfectivo/imperfectivo, que é gramatical no PB, tem sua expressão morfológica nos mesmos afixos indicativos de tempo passado na língua. Diante desse quadro, a criança tem de distinguir a presença de um afixo indicativo de tempo/aspecto em oposição à forma não marcada do presente e atribuir relevância gramatical a variações na expressão morfofonológica de afixos de tempo/aspecto, tomando-as como distinções morfossintáticas interpretadas como distinções aspectuais relativas ao tempo passado.

Assim, dados os afixos de tempo passado **-ou** e **-va** de verbos da 1ª conjugação no português, essa distinção teria de ser interpretada como indicativa de aspecto perfeito e imperfeito, respectivamente.

Nesse contexto, podemos supor que o reconhecimento de afixos verbais como elementos de classes fechadas com distribuição fixa ocorre ainda no processamento de informação da interface fônica, reconhecida como informação gramaticalmente relevante, no final do primeiro ano de vida, como sugerem resultados experimentais com base em determinantes (Höhle & Weissenborn, 2000; Name, 2002; Name & Corrêa, 2003). Não sabemos, contudo, que interpretação semântica será atribuída a esses morfemas: se tempo, se aspecto, se ambos. A literatura em aquisição de aspecto tem defendido majoritariamente que os afixos verbais de tempo/aspecto inicialmente produzidos estariam codificando aspecto e não tempo. Há, entretanto, trabalhos que sustentam que desde cedo afixos verbais já codificariam tempo (cf. cap. 4).

De acordo com a visão de aquisição da linguagem aqui assumida, uma vez que o SC entra em operação e a criança distingue variações morfofonológicas no âmbito de elementos de afixos verbais, estas são representadas como distinções morfossintáticas e a criança começa a tentar interpretá-las semanticamente. Não é claro se traços semânticos pertencentes às raízes verbais contribuem para essa interpretação no processo de aquisição da língua. Muitos pesquisadores sugerem que o aspecto lexical – ou, mais especificamente, os traços semânticos de *estatividade*, *pontualidade* e *telicidade* – interage com o aspecto gramatical no processo de aquisição. Muitos dos trabalhos que sugerem que os traços semânticos acima mencionados interferem no emprego de um determinado aspecto gramatical foram realizados com base em línguas nas quais há restrições quanto à combinação de aspecto lexical e aspecto gramatical. Grande parte desses estudos baseou-se no inglês, língua na qual verbos com o traço [+estativo] não admitem aspecto progressivo, por exemplo. Já no chinês, ocorre outro tipo de restrição: as raízes de verbos de *achievement* – [-estativo], [+pontual] e [+télico] – não admitem distinções gramaticais referentes a *perfectividade*. No PB, contudo, não parece haver restrições muito rígidas de ordem lexical para a expressão de aspecto gramatical, conforme será visto no capítulo 3.

A maior parte dos dados que sustentam essa interferência provêm da produção espontânea de crianças. No que diz respeito à produção, é necessário levar em conta o fato de que não há uma distribuição idêntica de verbos e predicados quanto a cada um desses traços semânticos. No PB, por exemplo, verbos [-estativo], [+pontual] e [+télico] – verbos de *achievement*, tais como “cair”, “entrar” – são mais frequentes na produção de crianças com o passado perfeito do que predicados [-estativo], [-pontual] e [+télico] – predicados de *accomplishment*, tais como “colorir o desenho”, “atravessar a rua”. Essa diferença pode, entretanto, ser justificada pelo fato de haver nessa língua mais verbos de *achievement* disponíveis do que predicados de *accomplishment*. Uma simples análise baseada no percentual de ocorrência de verbos e predicados no passado perfeito em função desses traços semânticos poderia nos levar a assumir, por exemplo, que o traço de *pontualidade* afetaria *perfectividade*, o que pode não ser verdadeiro. Neste trabalho, dados longitudinais da produção espontânea de 2 crianças são analisados de modo a verificar como o aspecto se apresenta na produção inicial

da criança que adquire PB¹⁰, ainda que a análise exclusiva de dados da produção seja insuficiente para caracterizar se há interação entre aspecto lexical e aspecto gramatical.

No que diz respeito à aquisição, não é claro o quanto seria vantajoso para a criança assumir essa interação como necessária. Diante desse quadro, poderíamos formular duas hipóteses. A primeira seria que informação relativa a esses traços semânticos, captada via reconhecimento lexical, poderia ser usada composicionalmente na interpretação de aspecto em sentido global e, dessa forma, interferir na interpretação do afixo verbal. A outra hipótese, contrária à primeira, seria que a criança assume que o afixo verbal – indicativo de algo gramatical – tenha sua interpretação independente do radical do verbo. Essa segunda hipótese parece propor uma estratégia de aquisição mais econômica, na medida em que processos composicionais são cognitivamente mais custosos. No caso do PB, como não há restrições significativas à combinação de aspecto lexical e aspecto gramatical (cf. cap. 3), uma estratégia de aquisição na qual a criança assume que a interpretação do afixo verbal independe dos traços semânticos das raízes verbais seria vantajosa. Assumindo-se essa hipótese, teríamos de supor que, no caso de línguas em que há restrições aspectuais advindas da raiz lexical, a criança teria de rever esse procedimento, uma vez que este levaria a erro.

Nossa hipótese de trabalho é de que a criança é sensível à informação de natureza fônica relativa a afixos de tempo/aspecto, ainda que não os interprete imediatamente. Sua interpretação, por depender de informação proveniente da interface semântica, segue um curso de aquisição que pode ser afetado por desenvolvimento cognitivo independente de língua. Quanto às hipóteses relativas à interferência de traços semânticos da raiz verbal nas distinções gramaticais referentes a *perfectividade*, os resultados do segundo experimento aqui relatado nos permitirão rejeitar uma delas.

Objetivos:

Os objetivos gerais deste trabalho são:

- Avaliar o modo como informação proveniente das interfaces fônica e semântica contribuem para a aquisição de aspecto gramatical no PB;

¹⁰ Esses dados serão considerados no conjunto da revisão da literatura sobre aquisição de aspecto.

- Desenvolver uma metodologia que permita avaliar simultaneamente a percepção de informação proveniente de ambas as interfaces por parte da criança;
- Contribuir para o desenvolvimento de uma teoria de aquisição da linguagem que articula o processamento do material lingüístico pela criança com a teoria lingüística na sua versão minimalista;
- Prover uma caracterização inicial do modo como aspecto se manifesta na aquisição do PB.

Em termos mais específicos, os objetivos propostos são os seguintes:

- Avaliar as habilidades de crianças de 18 a 28 meses de idade adquirindo o PB, quanto à sensibilidade à forma fônica de afixos verbais que expressam tempo passado e aspecto perfectivo e imperfectivo;
- Avaliar as habilidades de crianças de 3 e 5 anos, no que diz respeito à compreensão de distinções pertinentes a *perfectividade* e *telicidade* em sentenças complexas em que uma oração temporal é tomada como *frame* de referência;
- Verificar se *telicidade* afeta a compreensão de distinções gramaticais pertinentes a *perfectividade*;
- Verificar se a ordem do *frame* de referência – oração temporal sucedendo ou precedendo a oração principal – afeta a compreensão de distinções gramaticais pertinentes a *perfectividade*.

O presente estudo justifica-se tendo em vista o pequeno número de trabalhos de aquisição de distinções gramaticais pertinentes a *perfectividade* que adotam um modelo minimalista de língua. Diversos trabalhos vinculados a esse *framework* discutem a existência ou não de uma categoria funcional ligada a aspecto, assim como a posição que uma tal categoria ocupa numa estrutura sintática. Alguns desses trabalhos valem-se de dados da aquisição para sustentar ou refutar uma ou outra hipótese. Poucos estudos, entretanto, dedicam-se, de fato, à aquisição de aspecto. O nosso trabalho fornece evidências experimentais, as quais podem auxiliar na construção de uma teoria de aquisição de aspecto.

Além disso, dados de aquisição no desenvolvimento lingüístico normal servem de base para hipóteses acerca do desenvolvimento lingüístico deficitário.

Distinções de tempo e aspecto parecem estar comprometidas em crianças com Déficit Especificamente Lingüístico (DEL)¹¹ (cf. Hermont, 2005; Macacchero, 2005) e distinções aspectuais podem ser relevantes para que processos inferenciais sejam conduzidos na compreensão do discurso, os quais podem estar afetados em caso de Déficit de Aprendizagem (DAP)¹².

Assim sendo, o estudo da aquisição do aspecto tem motivações tanto teóricas quanto práticas, na medida em que pode, por um lado, auxiliar na construção de uma teoria de aquisição de aspecto, e, por outro, colaborar para a formulação de propostas de avaliação de crianças com suspeita de DEL e de DAP.

A dissertação estrutura-se da seguinte forma: no capítulo 2, é apresentada a concepção de língua adotada nessa dissertação; no capítulo 3, fazemos uma caracterização de aspecto, tanto vinculada a abordagens de caráter mais descritivo quanto em relação ao *framework* minimalista; no capítulo 4, são apresentadas abordagens sobre aquisição de aspecto, tanto em *frameworks* mais desenvolvimentistas quanto ligados a uma perspectiva gerativista. No capítulo 5, dois experimentos são apresentados. O primeiro visa a avaliar a sensibilidade de crianças de 18 a 28 meses de idade, adquirindo o PB, à forma fônica dos afixos verbais presentes no pretérito perfeito e no pretérito imperfeito do Indicativo. Por meio do paradigma da detecção da novidade – comumente empregado para explorar o desenvolvimento cognitivo mediante detecção de diferenças em imagens ou eventos –, delineamos uma metodologia nova, na medida em que, num mesmo experimento, pretendemos explorar informação de interface fônica e semântica. O segundo experimento, conduzido com a técnica da manipulação de brinquedos, visa a avaliar as habilidades de crianças de 3 e 5 anos no que diz respeito à compreensão de distinções pertinentes a *perfectividade* e *telicidade* em sentenças complexas com *frame* de referência. Pretendemos, ainda, com esse segundo experimento, verificar se *telicidade* interage com *perfectividade*, no

¹¹ O Déficit Especificamente Lingüístico (DEL), conhecido na literatura em língua inglesa como *Specific Language Impairment (SLI)*, caracteriza-se como uma defasagem em relação ao padrão de desenvolvimento normal de uma criança em fase de aquisição da linguagem, embora não haja nenhuma disfunção física ou psicológica que possa responder pelo déficit. Uma criança portadora de DEL não apresenta, por exemplo, retardo mental, comprometimento auditivo ou articulatório ou distúrbio neurológico.

¹² Entende-se por Déficit de Aprendizagem (DAP) um conjunto não-homogêneo de manifestações que podem incluir dificuldades na aquisição, compreensão e no uso da linguagem falada e escrita, assim como dificuldades de raciocínio e cálculo matemático, possivelmente decorrentes de uma disfunção do sistema nervoso central.

sentido de facilitar a compreensão de um verbo \pm perfectivo. Os resultados dos dois experimentos são discutidos, assim como as dificuldades de implementação de cada um deles. Finalmente, no capítulo 6, retomamos os objetivos pontuados nessa Introdução e apresentamos algumas conclusões.